

DEPOIMENTO

COMO LI GUIMARAES

Sandra Hahn

Eu trouxe o Guimarães aqui pro meu quarto - mas não do jeito que vocês estão pensando -, ele está aqui na cabeceira da cama. Mas há algo mais: ele está se infiltrando na minha ca-beça, nas minhas idéias, na minha vida. Fico imaginando em como resistir a ele. Penso em todos os bloqueios e idéias que me foram incutidas desde que ouvi falar dele.

- "É um mestre da linguagem".
- "É muito difícil de entendê-lo".
- "É um escritor de elite".
- "É um fascista da palavra".

Quantas coisas ouvi e nada questionei. Deixei-o na estante durante muitos anos, como a maioria das pessoas o faz. Dizia, entretanto, com extrema convicção, que ele era o maior; e que o tinha lido e relido e outras mentiras mais. Mentiras, mentiras, mentiras...

Então, sem nenhum aviso prévio, disseram-me: Leia Grande Sertão: Veredas. Mas o professor foi logo dizendo: "é preciso um roteiro para entrar neste Grande Sertão". Senti-me estimulada pela primeira vez a ler esta "grande obra", mas mesmo assim levei comigo nesta empreitada aqueles "pré-conceitos" que ali em cima coloquei.

Comecei então a leitura. Tentei de todas as maneiras não me entregar, não me deixar enganar por este sedutor tão perigoso, como se ele fosse um Don Juan à minha espreita.

Aqui começa outra parte desta história. Dois lutadores encontram-se num campo de batalha e precisam se enfrentar.

Tento por todos os flancos penetrar no Grande Sertão, mas esbarro sempre na arma que Guimarães Rosa maneja com uma

destreza sem par: a Linguagem. É ela que vai tecendo as Veredas que me levam à descoberta do grande sertão.

Riobaldo (que é Guimarães) é quem abre as portas deste sertão: - "Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja". (página inicial do Grande Sertão: Veredas). Mal percebo e estou dentro do grande sertão. Riobaldo logo me avisa: "O sertão está em toda a parte". (pág. 9). À minha volta ele abre o labirinto de palavras. Riobaldo não é somente o jagunço do sertão, é também o jagunço das palavras.

Neste sertão enganador, duvidoso, e até paradoxal, preciso estar armada e atenta aos caminhos e descaminhos presentes nesta descoberta.

As primeiras 100 páginas foram dolorosas. A cada minuto Riobaldo-Guimarães vai paradoxalmente enleando-me e desdo-brando-me com suas perguntas e respostas:

- "Viver nem não é muito perigoso?" (pág. 30).
- "O grande sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?" (pág. 260).
- "Ou conto mal? Reconto" (pág. 49).
- "A gente tem que sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro" (pág. 212).
- "Deus não devia ajudar a quem vai por santas vinganças?! Devia" (pág. 229).

Passados os primeiros encontros com Guimarães comecei a entendê-lo e amá-lo. Mas foi um amor devagar. Mesmo quando estava mais extasiada não perdi a capacidade de olhá-lo criticamente, ainda que agora isto me doesse. Entretanto, fazia-se necessário não deixar o olhar desligado da realidade. O fato de poder manter esta relação madura fez crescer em mim a admiração por Guimarães.

Seria ridículo de minha parte endeusá-lo. Guimarães dispenha elogios. Por outro lado, criticá-lo é muito perigoso. A

complexidade de sua obra extrapola meus poucos conhecimentos . Vinte leituras do Grande Sertão: Veredas deixar-me-iam mais certa de que ele seria compreendido sempre melhor. A cada releitura extrai-se novas interpretações e atinge-se mais fundo a sua concepção de arte e realidade.

As múltiplas faces de sua linguagem levam-me a refletir sobre o fetichismo que Guimarães cultivava em relação a ela; sobre a relação das pessoas com a linguagem; sobre a linguagem nunca acabada mas mutável como o ser humano; sobre o sertão ambivalente-polivalente; sobre a sua linguagem que é ideológica, e tenta subverter a ordem pelos caminhos oficiais; sobre o poder da linguagem que foi esvaziada de sentido e restituída à sua forma mais pura e dura; sobre a não aceitação do já existente sem um questionamento lúcido; sobre o homem que é pelo homem; sobre a necessidade de libertar-se do fascismo da língua; sobre o papel do escritor brasileiro; sobre o processo dialético presente em toda a sua obra.

Há muito ainda que se dizer. Há a poesia em Guimarães. É nela que me detenho apaixonadamente.

Sigo Riobaldo, rastreando o caminho da expressão maior. Ele procura a fonte inesgotável: a poesia. E "narrando o vivido ou vivendo o narrado", conforme disse Walnice N. Galvão, Riobaldo faz a poesia. Assim ele se refere poeticamente a Diadorim: "Abracei Diadorim, como as asas de todos os pássaros" (p. 34). A doçura do olhar de Diadorim faz Riobaldo ver as cores do mundo: "Então, eu vi as cores do mundo. Como no tempo que tudo era falante, ai, sei" (pág. 115).

Riobaldo explica sua explosão de amor por Diadorim desta forma: "Agüentei aquele nos meus olhos, e recebi um estremecer, um susto desfechado. Mas era um susto de coração alto, parecia a maior alegria" (pág. 108).

E o encontro amoroso começa pelo olhar:

- "Os olhos nossos donos de nós dois".

A linguagem dos olhos transborda de poesia:

- "Os olhos - vislumbre meu - que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura" (pág. 374).

Mas chegamos à fase final desta declaração em juízo. Endosso aqui as palavras do mestre Antônio Cândido: "na extraordinária obra prima Grande Sertão: Veredas há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado".

Aqui encerro meu depoimento, que pretendeu modestamente ser justo e honesto. Deixo a palavra final a Guimarães Rosa, o homem e escritor, que diz (em entrevista a Günter Lorenz):

- "Meu credo é simples. Não deve haver diferenças entre homens e escritores; esta é apenas uma maldita invenção de cientistas, que querem fazer deles duas pessoas distintas. Acho isto ridículo. A vida deve fazer justiça à obra e a obra à vida. Um escritor que não se atém a esta regra não vale nada, nem como homem, nem como escritor. Eu, o homem do sertão, não posso presenciar injustiças. E pela boca de Diadorim que fala com Riobaldo, ele diz sua verdade maior:

- "Riobaldo, você é um valente... Você é um homem pelo homem...!".